

O BRASIL E A PERIFERIA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO: POLÍTICA ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

INSTITUTO DE ECONOMIA - UNICAMP

Bolsista: Mateus Bettine Bernardo (mateus.sbernardo@gmail.com)

Orientadora: Daniela Magalhães Prates (daniprates@eco.unicamp.br)

Agência Financiadora: SAE/Unicamp

Palavras-chave: Abertura financeira - Crises financeiras - Países emergentes

Metodologia

O desenvolvimento do projeto baseou-se numa pesquisa bibliográfica, que selecionou textos dedicados ao objeto de estudo. Em seguida, o trabalho visou a busca de dados sobre o tema disponíveis nos sites de agências multilaterais e do governo brasileiro, além de órgãos de pesquisa, que foram posteriormente utilizados na construção de gráficos e tabelas.

Introdução

No final da década de 1980 e início dos anos 1990, os países periféricos receberam vultosos volumes de capitais do exterior, entrando definitivamente no fenômeno chamado globalização financeira. No entanto, a inserção dessas nações no novo contexto macroeconômico internacional, caracterizado por uma maior liberalização financeira e integração dos mercados nacionais, além da predominância do mercado de capitais e da lógica especulativa, tem gerado controvérsias na literatura econômica. Afinal, os fluxos de capitais são benéficos ou trazem desvantagens para as economias em desenvolvimento?

Para a teoria heterodoxa, na qual se baseia esta pesquisa, o aprofundamento da abertura financeira nos países periféricos é o principal responsável pelas sucessivas crises na década de 1990 e pela instabilidade crônica vivida por aqueles países. O sistema monetário-financeiro contemporâneo tem caráter assimétrico, ou seja, os emergentes assumem uma posição subordinada e marginal no sistema, cuja dinâmica gira em torno de uma moeda-chave, o dólar.

O objetivo do trabalho é analisar os impactos da abertura financeira sobre o desenvolvimento dos países periféricos, em particular o Brasil e a Coreia do Sul, discutindo as diferenças e os pontos de convergência entre as duas economias no que se refere à forma de inserção no processo de globalização financeira, iniciado na década de 1980.

Resultados

A constituição do sistema monetário-financeiro contemporâneo tem início no colapso de Bretton Woods, em 1973. A partir deste momento, o mundo assistiria a emergência de uma nova lógica de acumulação, baseada nas finanças de mercado, na qual as taxas de juros e de câmbio seriam não somente os preços-chave da economia, mas também instrumentos de especulação, ocasionando efeitos perversos sobre os países periféricos, mais vulneráveis devido à posição subordinada que ocupam no assimétrico sistema monetário-financeiro internacional.

Tal situação destituiu a autonomia de política econômica dos países emergentes, já que estes precisam fixar altas taxas de juros para garantir aceitabilidade de seus papéis, como títulos da dívida pública, junto aos investidores institucionais. Caso contrário, num ambiente de taxas de câmbio flexíveis e livre mobilidade de capitais, a manutenção de juros internos abaixo do desejado pelo mercado internacional engendra efeitos catastróficos para as economias periféricas, como saída de capitais e forte desvalorização cambial até níveis indeterminados. Além disso, quando as expectativas dos investidores se tornam negativas, os papéis dos países periféricos são os primeiros a ser liquidados, aumentando ainda mais a instabilidade de suas economias.

A forma de inserção dos países em desenvolvimento na globalização financeira não foi igual nem ocorreu durante o mesmo período de tempo. O Brasil, por exemplo, aprofundou a abertura de sua economia na década de 1990, sobretudo durante o governo FHC, visando compensar os crescentes déficits em Transações Correntes (ver gráfico 1), enquanto a Coreia do Sul foi gradualmente eliminando as barreiras ao capital estrangeiro na mesma década sob pressão dos EUA e segundo interesses da classe dominante do país.

Em suma, a inserção periférica no sistema monetário-financeiro internacional ocorreu principalmente na década de 1990 e não é por acaso que grande parte das crises nos países emergentes remonta à esse período: crise mexicana (1994-95), crise asiática (1997-98), crise russa (1998), crise brasileira (1998-99), entre outras de menor proporção. O problema está no próprio sistema que absorveu essas nações periféricas, cujo padrão centro-periferia intrínseco ao sistema provoca assimetrias que agravam a vulnerabilidade externa dos países da periferia, entre eles, o Brasil e a Coreia do Sul.

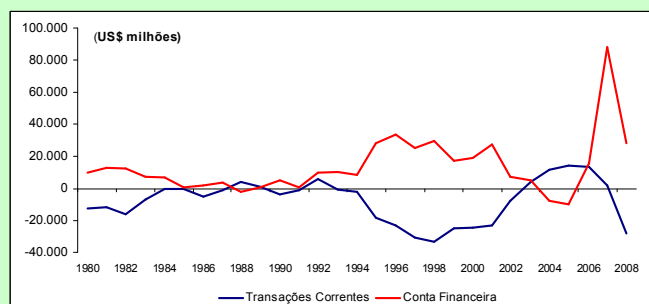


Gráfico 1 - Evolução das Transações Correntes e da Conta Financeira do Brasil, 1990-2008

Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração própria.

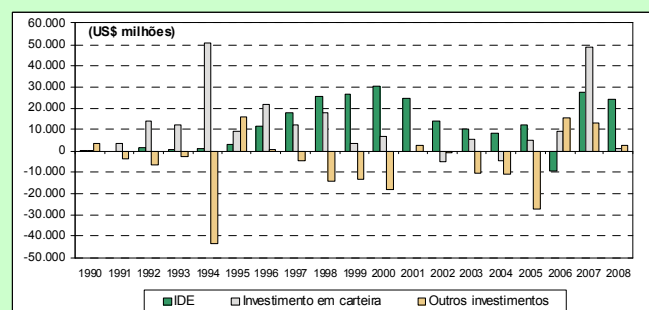


Gráfico 2 - Evolução dos componentes da Conta Financeira do Brasil, 1990-2008

Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração própria.

Conclusão

As décadas de 1980 e 1990 assistiram à emergência de um novo padrão de acumulação mundial, cujas características reforçam o caráter assimétrico e hierárquico das relações históricas entre centro e periferia. A inserção dos países em desenvolvimento no mundo das finanças globalizadas foi realizada de forma desigual e imperfeita, atendendo os interesses dos governos e investidores institucionais dos países desenvolvidos (bem como da classe capitalista desses países). Aos países periféricos, com restrita autonomia de política econômica, restam poucas alternativas para controlar os fluxos de capitais voláteis e desestabilizadores (ver gráfico 2). Portanto, reside na própria estrutura do sistema monetário e financeiro contemporâneo o determinante principal para o agravamento da vulnerabilidade externa dos países em desenvolvimento. Não é coincidência o crescimento menor do PIB após o aprofundamento da globalização financeira nas décadas de 1980 e 1990, conforme mostrado na tabela abaixo.

	1970 - 1980	1980 - 1990	1995 - 2000	2000 - 2005
Mundo	3,78	3,18	3,25	2,79
Países em desenvolvimento	5,75	3,85	4,23	5,41
América Latina	5,67	1,67	2,98	2,67
Ásia (*)	7,89	6,95	2,97	4,55
Países Desenvolvidos	3,35	3,17	3,03	1,93

Tabela - Taxa Média Anual de Crescimento Real do PIB (%)

Fonte: Unctad

Notas: (*) inclui os países do leste e sudeste asiático, com exceção da China.